

MAPUTO PROVÍNCIA SAUDAÇÃO DE SALDANHA, DISTRITO DE BOANE – 14 DE MAIO DE 2007

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Província de Maputo hoye!

(Hoye!)

Província de Maputo hoye!

(Hoye!)

Distrito de Boane hoye!

(Hoye!)

Distrito de Boane hoye!

(Hoye!)

Saldanha hoye!

(Hoye!)

Saldanha hoye!

(Hoye!)

Saldanha hoye!

(Hoye!)

Bzixili!

Namunhla hivonana nahikola kaSaldanya.

Mine nosungula kutatathlasa lomu kaSaldanya lomu. Loko niyendrayendra, nifambafamba ah..., anokuvonela kule. Anizanga nikuma nkama wa kuveni nitatathlasa halenu. Kutani lesvi ningathlasa halenu, nivona vhanu vakone lesvi vayimbelelisaka xisvone, lesvi vakinisaka xisvone, eyii... svanyoxisa, mani.

Nasvone niveni ninjombo yakuva niyavona mati, lawa mimapfumalaka wone, kambe mizama kuveni mima... mimawolela. Mawoleliwa mati njhee? (Não!)

Nithlela niya vona ne Xikola. Nivona svaku mathica, hakunene madondrisa mani. Kuni lavakulu navone vadondraka, ngopfungopfu vamamana, vasvirhandra kuveni vadondra. (Palmas)²³

²³ Bom dia.

Hoje nos vemos estando aqui em Saldanha.

É pela primeira vez que chego aqui em Saldanha. Quando viajo e ando em visita, só via de longe. Nunca tive oportunidade de cá chegar. Assim que cheguei aqui, vi a forma com que as pessoas daqui cantam, a forma como dançam, oh, isso é gostoso.

Também tive oportunidade de ir ver a água, essa que vos faz muita falta, mas estão a tentar recolher. Será que a água pode ser recolhida? **(Não!)**

Fui também ver a Escola.

Vi que os professores estão empenhados. Existem adultos que também estão a estudar, principalmente as senhoras, elas gostam de estudar.

Atiku dritakulisiwa ha vone, hikusa hivone vadondrisaka vana, ahivone? Hivone vadrimaka ka.

Aloko niku a ... manyana anindangu, hilesvaku kuni wansati la, akaya. Kutani lesvi svikombisa lesvaku loko vone vadondra atiku dritaya mahlweni, dritakula.

Kutani nitasungula hi kuveni nikombisa lava vaniheketeka²⁴.

(...)

(seguem-se apresentações)

Tivemos oportunidade de visitar Saldanha. E como eu disse no princípio, fiquei muito satisfeito, apesar de a visita ser curta. Mas ficamos satisfeitos por vermos que as pessoas são fortes por dentro. Nós sabemos que vivem muitas dificuldades: aqui, 25 de Setembro, Mahubo, etc. Mas mesmo assim são capazes de enfrentar essa dificuldade. A maior dificuldade é que apesar de serem camponeses aqui não há água. O problema de água é um problema central. Não podemos produzir sem chover. E na procura de resolver esse problema, estiveram a fazer aquelas represas. Mas quando se fez represa, deixou de chover. Isso quer dizer que a população aqui enfrenta um problema muito sério: o problema de água. Mas a população tem lutado para poder encontrar água.

Em segundo lugar tivemos oportunidade de ver a vossa escola aqui pertinho. Vimos criancinhas muito animadas. Muito animadas, a cantar, a dançar. Tem uma escola nova. Muito bonitinha. Mas nesta escola também ainda há dificuldades. Os professores só têm uma casa. São quatro ou cinco? Três? E todos vivem na mesma casa. Isso mostra o espírito deles. Eles querem formar. Querem ensinar. Não se preocupam com as condições em que vivem. Isso mostra um espírito patriótico muito forte. E esse espírito patriótico mostra-se também naquilo que eles fazem lá. Por exemplo, as plantas. Quer dizer as crianças têm plantas. Uns colocaram mangueiras. Outros colocaram não sei o quê. E isso é muito importante na nossa vida. Essas plantas são muito importantes na nossa vida. Nós dizemos que não temos chuva aqui. Em grande parte nós dizemos que não temos chuva porque as plantas morreram. Foram cortadas e não foram substituídas. Porque as plantas também ajudam a criar chuva. Por isso, quando nós temos plantas ali é para criarmos condições para de novo em Saldanha quando as plantas forem muitas, mas muitas mesmo poder voltar a chover. Também tem que ser muitas. Temos que ir aumentando, porque isto é importante. Para resolvermos os nossos problemas, uma grande parte da solução está nas nossas mãos. Está nos nossos conhecimentos. E para resolvermos o problema da chuva, uma das coisas principais é termos plantas. Não é uma, não são duas, não três, não são quatro. Temos muitas plantas. Se cada ano, cada um de nós aqui – bebé ou criança ou adulto – plantasse uma árvore cada ano, daqui a muitos anos vamos começar a ter de novo a chuva a cair regularmente. Por isso, temos que semear hoje para colher amanhã. Podemos não ser nós a colher, mas os nossos filhos vão colher. Os nossos netos vão colher. E é importante fazermos uma coisa hoje para resolvermos os problemas do amanhã. Por isso, eu queria saudar os professores e os alunos que plantaram. Que plantaram. Eu perguntei: **os cabritos não vão comer**

²³ Elas farão com que o país cresça, porque são elas que ensinam as crianças, não é? São elas que cultivam.

Quando se diz que alguém tem lar, é porque nessa casa tem mulher. Isso demonstra que se elas estudarem o país vai desenvolver, vai crescer.

Vou primeiro, apresentar-vos os que me acompanham.

aqui? Eles disseram: **não, não não vão comer!** Mas como é que não vão comer? Disseram: **já falamos aqui ninguém deixa passar nenhum cabrito ali!**

Há muito cabrito aqui? **Atimbuti tikoni? () totumbela! Iswona!**

Portanto, é preciso ter mais plantas e protegermos as plantas contra os cabritos. Eles disseram mais coisas. Eles disseram que as plantas aqui quem planta não são só os alunos. Os alunos, os professores e a população. Então, eu disse bom, o problema está resolvido aqui. A população de Saldanha é uma população especial. Não tem água, mas está a preparar água para o futuro. Não tem água, está a preparar represa para lutar contra a pobreza. É uma população com uma visão longa. Esta é a maneira de lutar contra a pobreza, porque a pobreza está com todos nós. Uma vez pobreza é não ter água. Outras vezes é não ter escola suficiente. Agora estamos a lutar contra isso para amanhã resolvermos mais problemas. Mas há outras maneiras de lutar contra a pobreza. O ensino de adultos. Quando as mães, as nossas senhoras – os homens também deviam – estudam, eles estão a fazer o trabalho para resolver os problemas de amanhã.

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Como o tempo é curto, mas eu não gostaria de sair daqui sem ouvir as vossas vozes. Eu vou pedir que venham aqui três pessoas para falarem curto. **Mungaphinde-phinde pheya!** Se alguém diz uma coisa, o outro não repete.

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Khanimambo!

(seguem-se as intervenções dos cidadãos)

Eu sei que há mais pessoas que querem falar. Mas infelizmente o tempo é curto. E também nós vimos mesmo no tempo curto que nós tivemos, que a primeira pessoa, a Lurdes, que falou, ela praticamente falou tudo. Os outros vieram repetir os pontos, explicando melhor aqui ou ali. Mas como pontos centrais são os mesmos. Não quer dizer que não haja outras coisas. Não quer dizer que se outras pessoas falassem não iam trazer outras coisas. Mas os problemas centrais estão aqui: o problema da água, o posto médico, maternidade, transporte, emprego. São mais ou menos essas questões que foram colocadas. Nós naturalmente registamos. E nós vemos que as coisas que estão sendo postas aqui são aquelas que são nossa preocupação. Como sabem, o trabalho deste governo é lutar contra a pobreza. E aquilo que indicam são coisas que ajudam a acabar com a pobreza. Mas para acabar com a pobreza, nós não podemos acabar num dia. Tem que levar tempo. O importante é estarmos sempre a trabalhar contra a pobreza. Sempre a trabalhar contra a pobreza. Assim a pobreza há-de ir saindo. Sabem, nós para lutarmos contra a pobreza, criamos no distrito de Boane um conselho consultivo distrital. Este conselho consultivo distrital tem também outros conselhos consultivos a outros escalões. As pessoas que estão neste conselho somos nós. Pessoas como aquelas senhoras que vieram falar aqui ou aquele senhor que esteve a falar aqui – aquele camarada que estava a falar aqui. Quando há fome, sentem fome. Quando

há falta de água sentem a falta de água. Quando há falta de hospital, sentem a falta de hospital. Então, levam esse problema para o distrito, para ao distrito estudar o que é que vai fazer. Como é que vai resolver esses problemas. Uma vez conseguem ter resposta. Outras vezes a resposta não conseguem ter naquele dia. E o governo para apoiar o conselho consultivo arranjou sete milhões. Sete milhões de meticais para poder permitir que no distrito se arranje mais emprego – que é um problema que foi apresentado aqui – e também se aumente a produção de comida. É basicamente para isso.

Quando nós falamos de emprego, estamos a falar sobretudo das nossas criancinhas. Aliás os nossos jovens têm idade de idade de trabalhar e não começam a trabalhar porque não têm emprego. Os sete milhões são para isso. Para todo o distrito. É claro que os sete milhões é muito dinheiro para uma pessoa ou para duas pessoas. Mas para todos nós que estamos aqui – todo o distrito – o dinheiro é pouco. Por isso mesmo, o conselho consultivo deve trabalhar com esse dinheiro com muita transparência. Cada cidadão nosso tem que saber onde é que está esse dinheiro e como é que está sendo gasto. E então como é que se entrega esse dinheiro? Tem que haver um cidadão ou uma associação que diz que eu quero aumentar a produção de comida, mas não tenho dinheiro. Quero comprar gado para poder abrir uma machamba maior e neste lugar eu vou ter mais comida. E também neste lugar eu vou produzir e vou permitir ter mais quatro ou cinco jovens para poder trabalhar. Então, venho pedir dinheiro. E o pedido vai para o conselho consultivo, através naturalmente da administradora. E o conselho consultivo pergunta: **himani eloyo?** Para saber se conhece ou não. Se é uma pessoa que vive no distrito, o conselho sabe, porque ele há-de estar a vir de Saldanha, ou há-de estar a vir de Mahubo, ou há-de estar a vir de 25 de Setembro, ou de Chinonaquila, ou Matola-Rio, qualquer parte... No conselho consultivo há alguém que vem daquele lugar. Então, procuram ver se vale a pena emprestar aquela associação ou não. Se acreditamos que eles vão dar mais emprego. Se eles vão dar mais comida e também que depois vão pagar. A pessoa tem que pagar. Aqueles sete milhões é dinheiro do nosso imposto. É o dinheiro do nosso imposto. Não está a ser dado a ninguém. **Aiswamahene!** Tem que devolver. E então, se temos certeza que vai devolver aquela pessoa, então nesse caso nós podemos emprestar. E no conselho consultivo vai haver uma resolução: **manhana atxenekela Mali ya ukazwu....** Tudo escrito!

E o nosso representante daqui de Saldanha que está no conselho consultivo, quando volta para aqui reúne e diz: tivemos reunião e o dinheiro aquele de sete milhões, tanto dinheiro vai para a associação tal. Ele diz que vão fazer isto e vão pagar dia tal. Ele vai arranjar emprego. E vai produzir mais comida para toda a população de Boane.

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Leki inguele ... Se nós não fizermos isso vai demorar. Se nós fizermos isso, vai demorar, mas não vai demorar tanto como se não fizermos. O que importa é que nós todos saibamos que temos dinheiro. Este dinheiro como é que está sendo gasto? Quem é que paga e quem é que não paga. Se não paga, perde tudo. Perde tudo. Vai perder a amizade, porque está a roubar dinheiro do povo. Se ele ganha e devolve está a resolver o problema do povo. É um grande amigo nosso, de todos nós.

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Algumas das questões que colocaram aqui devem ser tratadas através do conselho consultivo. Pouco a pouco vai resolver os problemas. Quando ele diz que vai para a reunião, quando voltar perguntem: **o que é que trataram lá?** Não há segredo! **Akuna chihungela! Não há chihungela!** Porque aquele dinheiro é para resolver o nosso problema. Muito obrigado! **(Palmas)**

COMÍCIO DE CHANGALANE, DISTRITO DE NAMAACHA – 15 DE MAIO DE 2007

Povo Moçambicano Unido do Rovuma ao Maputo hoye!

(Hoye!)

Província de Maputo hoye!

(Hoye!)

Província de Maputo hoye!

(Hoye!)

Distrito de Namaacha hoye!

(Hoye!)

Distrito de Namaacha hoye!

(Hoye!)

Changalane hoye!

(Hoye!)

Changalane hoye!

(Hoye!)

Changalane hoye!

(Hoye!)

Bzixile! (Bzixile! Palmas)

Mahanya ke? (Hahanya!)

Ayikone ndlala? (Yikone!)

Kasi amidrimanga?!...(Hidzimile!)

I dandra? (Ina!)²⁵

²⁵ Bom dia **(Bom dia!)**

Estão bem? **(Estamos bem!)**

Não tem fome? **(Temos!)**

Afinal não cultivaram?! **(Cultivamos)**

É a seca? **(Sim!)**

... Hayi mani..., i mhaka. Kambe vanikombe minchumu minyingi lahayana... Vali i mpsini... Eem... hisvone. Hiwontirhu wa kone wolowo ka, wa kurendreveta... Hisvone.

Mine aningatava ni marhitu yakutala²⁶.

Akusunguleni ka maritu yanga iyakumilosa, ni kukhensa antirhu lowu n'wine mutirhaka nawone nambi kuvanidandra.

Nasvone ninyoxise ngopfu himakinela ya vatrongwana verhu mani. Axigubu xa pfuka hakunene. Hivona axigubu na xitikombisa hintamu²⁷.

Nimayimbelelela yakone ya vatrongwana lava va EPC, svixonga svineneee.

Aniku vatahuma vaya kwiniqwini, kasi votrhama kolahaya. Isvahombe svinene, Yanani mahlweni hasvooo... ya²⁸.

Eu vou começar por fazer uma apresentação daqueles que me acompanham. E depois disso, havemos de conversar.

(seguem-se apresentações)

Nós estando aqui em Changalane vimos coisas muito interessantes. E as coisas que nós notamos já não nos referimos a elas. A nossa cultura forte a ser valorizada através das nossas crianças. As danças, as canções, feitas também pelos adultos a mostrar o amor profundo que há pelo país e a vontade de lutar para acabar com a pobreza. E fiquei impressionado particularmente ao ouvir as canções que já a falar da luta contra a pobreza. Por isso, queríamos agradecer por esta vossa maneira de ser que nos ensina a nós também.

Queremos também agradecer pelas ofertas que foram feitas. Essas ofertas que foram feitas mostram o carinho, a solidariedade e mostram o amor também. Quem tem uma coisa e dá outro, mostra que quer partilhar aquilo que é seu. Nós agradecemos esse espírito moçambicano. Mas também tivemos outras oportunidades. Uma de reunir com o conselho consultivo ali naquela casa onde estávamos a analisar as questões. Mas infelizmente o tempo foi curto não permitiu acabarmos ouvir tudo aquilo que os conselheiros tinham para nos dizer. Mas aquilo que nos disseram mostrou claramente duas coisas. Que eles estão dentro dos problemas das populações – é a primeira coisa. E em segundo lugar, que eles querem resolver os problemas das populações. E isso é importante: quando nós temos dirigentes que estão connosco, que vivem connosco e que querem resolver os nossos problemas, esse é meio caminho andando como se costuma dizer. Mostra que havemos de vencer as dificuldades que nós temos a frente.

²⁶ Mas mostraram-me muitas coisas ali... O que é mesmo?...

Está bem. Esse é o tal trabalho, o de ajeitar. Está bem.

Eu não terei muitas palavras.

²⁷ As minhas primeiras palavras são de saudação e agradecimento pelo trabalho que vocês realizam apesar da estiagem.

Também estou muito satisfeito pela dança das nossas crianças. O “Xigubo” está a ressurgir de verdade. Vemos a dança Xigubu a ser muito bem exibida!

²⁸ Mesmo porque a forma como as crianças da EPC dançaram é muito bela! Pensei que depois se dispersassem, mas afinal estão bem aqui bem sentadinhas. Isso é muito bom, continuem assim, não é...

E depois, tivemos oportunidade de ir ver aquela sociedade, aquela associação das nossas mulheres. Eu fiquei impressionado. Eu não imaginava que aqui em Changalane pudéssemos ter tanta produção de galinha. Tanta produção de ovo. Mais do que isso: feito por pessoas que estão a viver aqui. Isso mostra que Changalane está a avançar muito. E mostra outra coisa: que aquela universidade, ADPP, que vai ser construída aqui, que já está a ser construída, escolheu um bom lugar e isso vai ajudar a desenvolver rapidamente Changalane. Portanto, nos vimos o produto de uma parte do trabalho vosso aqui, o que mostra que Changalane está a fazer uma luta consciente para acabar com a pobreza. E sobretudo, que é mulher que está a participar. Estiveram ali a dizer-me em canção que já estão na alfabetização. Já podemos assinar. Nossa mulher está a estudar! Quando a mulher estuda, a criança vai crescer bem, porque ela vai saber que comida vai dar a criança. Vai saber exigir a criança para ir a escola e vai transmitir os pensamentos que vem escrito nos livros e noutros lugares porque tem possibilidade de ler essa informação.

Parece-nos portanto que Changalane – apesar de ter problemas porque não pode deixar de ter problemas. Onde há gente há problemas e os problemas são para serem resolvidos e não nos devem assustar; só devem nos desafiar; quer dizer que temos de resolver. Quando falo de problemas, estou a falar de gado, por exemplo. Roubo de gado. Nós temos que ser capazes de enfrentar esses problemas. Quando falo, falo de lutas por causa de terrenos. Nós temos que encontrar forma para poder resolver esses problemas. Também falo da situação de água. Nem sempre há água que a gente quer. Nós temos que trabalhar para resolver esses problemas. Aliás, daqui onde estou, estou a ver luta contra a falta de água. Estou a ver **missinha miningui** lá. Isso é uma forma de combater a falta de água. Quando há muitas plantas – se nós aumentarmos as plantas – a chuva vai começar a cair. Como sabem o mato aqui foi muito destruído. A gente andava aqui de lado para outro e via floresta, floresta, floresta. Mas por causa da lenha e outras coisas como queimadas, a floresta desapareceu. Agora estão a retomar a luta para recomeçar e criar a floresta. Isso é muito bom. Plantemos aqui e plantemos lá onde havia floresta.

Minhas irmãs e meus irmãos. Eu tenho preocupações. Eu vou apresentar algumas das minhas preocupações. E depois disso eu espero ouvir de vós as vossas preocupações. As vossas preocupações de como podemos fazer certas coisas em comum.

Eu vou começar pelas minhas preocupações. A minha preocupação primeira é: nós todos moçambicanos devemos acreditar de que vamos acabar com a fome. Nós todos moçambicanos temos que acreditar que vamos acabar com a fome e que vamos acabar com a pobreza. Nós moçambicanos temos que acreditar que vamos acabar com a pobreza. Se nós não acreditamos, havemos de continuar pobres. Durante muito tempo, nós pensávamos que neste nosso país – no tempo em que éramos dominados pelo colonialismo – de que os ricos só podiam os colonos e que nós os moçambicanos tínhamos nascidos para sermos pobres e então aceitávamos a pobreza como uma coisa natural. Para mim, a minha preocupação é: será bom que todos acreditemos que a pobreza vai acabar. Como a pobreza está connosco hoje, é difícil acreditar, mas façamos esforço. Acreditemos. Acabemos com a pobreza. Eu vou dar exemplos ou três exemplos. O primeiro exemplo é para mostrar que nós moçambicanos quando queremos fazer uma coisa, desde o Rovuma até ao Maputo, basta nós querermos, nós conseguimos! Nós trabalhamos e conseguimos! Isto para dizer que quando nós moçambicanos, do Rovuma ao Maputo, estivermos convencidos que queremos acabar com a pobreza, a pobreza vai acabar, porque já está provado que quando nós queremos uma coisa, nós conseguimos!

A segunda coisa que vou dizer é que já há sinais concretos de que não somos tão pobres como éramos ontem. Que há mudanças. Que há mudanças. Começaremos do primeiro ponto. Neste Moçambique nosso, neste nosso belo Moçambique nós éramos dominados pelos estrangeiros. Nós éramos dominados por colonos. Nós não podíamos decidir fazer nada. Não decidíamos onde ter hospital. Muito menos indicar onde podia ser construído hospital. Nós não podíamos decidir ter uma escola. Nós não podíamos decidir trazer energia eléctrica. Quem fazia as decisões todas no tempo colonial eram os colonos. Eram os colonialistas. E nós não podíamos fazer nada. A terra não era nossa, mas os nossos antepassados deixaram para nós. Mas não era nossa, porque eles é que mandavam. Eles é que decidiam o que queriam. E como eram eles que decidiam, eles então decidiam as coisas boas só para eles. Faziam escolas no lugar onde houvesse muitos colonos. Faziam hospital no lugar onde houvesse muitos colonos. Faziam estrada boa no lugar onde vivessem muitos colonos. Traziam energia para o lugar onde houvesse muitos colonos. E no lugar onde vivia a população moçambicana, não havia nada disso. Não havia nada disso. Havia pouco só, porque eles faziam as coisas para o seu próprio benefício. Eles é que mandavam. É então por isso que os moçambicanos decidiram: nós vamos acabar com isso. Queremos ser nós a decidir. Queremos ser nós a fazer as coisas. Nós a dizer onde é que queremos as escolas e de que nível. E isso fez com que fizéssemos a Luta de Libertação Nacional. O colono parecia muito poderoso, mas quando os moçambicanos decidiram que querem tirar o colonialismo, então o colono saiu. Quando se fala de moçambicano está-se a falar de nós. Nós aqui recusamos o colono e então tiramos o colono! Não é verdade? (É!)

A força do Moçambicano!

Aqui em Moçambique havia guerra. Havia guerra. Não podíamos sair daqui de Moçambique para Catuane. Não podíamos sair daqui de Moçambique para Goba. Tinha que fazer coluna, não é? Ir para a machamba era risco. As vezes, baixar no hospital era outro risco. E os moçambicanos disseram: **não senhor, vamos acabar com isso!**

E quando eu falo dos moçambicanos estou a falar de nós aqui. Estou a falar dos mais novos também, porque os mais novos herdaram dos mais velhos. São a continuação do que nós fizemos. E quando nós decidimos acabe a guerra, a guerra acabou. As pessoas saíram, uns do mato, outros das cidades, juntaram-se. Abraçaram-se e disseram: **este é nosso país. vamos semear a paz. Vamos regar a planta da paz. Vamos fazer a planta da paz crescer para que ela cresça e seja forte para que em Moçambique não haja mais guerra e haja paz.** O moçambicano quis fazer isso. E como quis fazer, o moçambicano conseguiu fazer isso. Isso é importante ser conhecido, sobretudo para as nossas crianças saberem que os pais delas quando tinham dificuldades, quando quiseram vencer essas dificuldades, uniram-se e construíram aquilo que eles queriam. Isto é uma experiência que os moçambicanos não podem esquecer!

Agora nós queremos acabar com a pobreza. Se nós acabamos com a dominação estrangeira, se nós acabamos com a violência interna, porque nós quisemos, então nós podemos acabar com a pobreza, porque nós queremos acabar com a pobreza. E então, passaremos a falar da pobreza, tal como falamos hoje do colonialismo. Já passou! Dizemos: naqueles tempos, nesta terra este país era dominado por estrangeiros. Naqueles tempos. Já passou! Ficou a lição só. Ou então, naqueles tempos, quando este país tinha guerra, nós tínhamos que andar em coluna. Mas já passou. Já passou. Passou para a história. Agora vivemos em paz. Então terá que chegar o dia em vamos dizer: naqueles tempos quando nós éramos pobres, mas já passou. Agora já somos ricos. Agora já podemos viver daquilo que podemos viver. Não temos falta de escola.

Não temos falta de energia. Não temos falta de telefone. Não temos falta de hospital. Não temos falta de casa. Não temos falta de chapa. Naqueles tempos, porque estas coisas faltavam, mas nós lutamos até acabar com essa situação. Isso é fundamental, porque qualquer luta, qualquer vitória faz-se com a vontade das pessoas. Quando as pessoas acreditam que vão fazer as coisas, as pessoas podem cansar-se. Cansam-se no seu corpo, mas no seu espírito nunca se cansam. Cansam um pouco e avançam! Isso é fundamental! **Vanem ntamu, nthinki!**

Agora nós estamos a ver que a pobreza de hoje não é igual a pobreza de ontem. É pobreza sim, mas não é igual a pobreza de ontem. Eu vou dar um exemplo. Temos essas nossas criancinhas aqui a nossa frente. Pequenas. Já sabem ler e sabem escrever! Quando nós tínhamos a idade delas sabíamos ler e escrever? **(Não!)** E quem é que fez para que as crianças saibam ler e escrever? É o governo!

Naqueles tempos nós nem pensávamos sequer em hospital. Hoje, já reclamamos. Queremos ter hospital. Queremos ter hospital melhor. Naqueles tempos nem fazíamos isso.

Naqueles tempos, nós nem reclamávamos telefone. Não havia telefone. Era difícil haver na casa de um moçambicano haver telefone. Hoje em dia anda no bolso do moçambicano. Anda a falar aí sozinho. Conseguiu alguma coisa. Mas isso não nos deve enganar. Não são todos os moçambicanos que têm isso. Não são todos moçambicanos que têm telefone. Ainda há muitos moçambicanos que precisam de telefone. Ainda há muitos moçambicanos que precisam de energia eléctrica. Ainda há muitos lugares que a estrada que passa é estrada de terra batida. É verdade que em alguns lugares é alcatrão, é asfalto, mas a maior parte ainda não é asfalto. Ainda há muitos moçambicanos que não apanham Chapa-100. Estavam a me contar há pouco tempo aqui na reunião, que há um lugar onde a estrada não deixa passar nada e por isso nem há machimbombo lá. Isso quer dizer que somos pobres ainda. Ainda não chegamos lá onde queremos chegar. Alguns avançaram um pouco. Mas ainda não é aquilo que nós queremos. Mas para podermos ter essas coisas todas, temos que ser nós a trabalharmos para isso. Temos que ser nós a lutarmos para isso. Por isso, pobreza é uma coisa que toca a todos nós. Mas o meu apelo, moçambicanos e moçambicanas, acreditemos, podemos acabar com a pobreza! Vamos acabar com a pobreza, porque nós moçambicanos, do Rovuma ao Maputo, quando queremos uma coisa nós conseguimos. Unimo-nos e trabalhamos. Vencemos dificuldades. Vencemos o tempo até chegarmos lá onde nós queremos, porque não se consegue alcançar tudo num dia. Portanto, nós podemos conseguir fazer isso! E também há sinais de que as coisas estão a acontecer, mas nós sabemos que ainda não é tudo aquilo que nós queremos, apesar de Changalane nos dar um bom exemplo daquilo que mesmo com dificuldade se consegue produzir. Mas mesmo em Changalane, nós devemos continuar a produzir para aumentar a produção, para aumentar a produtividade, para melhorar a vida do nosso povo.

Moçambique hoje!
(*Hoye!*)

Moçambique hoje!
(*Hoye!*)

Mas agora queria ouvir as vossas preocupações. Este caminho que queremos fazer não é recto e não é liso. Tem troncos no meio. Há animais no meio que comem gente ou ferem gente. Há obstáculos que nós temos que vencer. Como é que nós aqui em Changalane podemos fazer para chegar lá? Por isso vou pedir oito cidadãos para virem nos ajudar aqui com o seu ponto de vista.

Moçambique hoye!
(Hoye!)

Changalane hoye!
(Hoye!)

(seguem-se as intervenções dos cidadãos)

Moçambique hoye!
(Hoye!)

Changalane hoye!
(Hoye!)

Estivemos a ouvir atentamente as vossas preocupações. De uma maneira geral, as vossas preocupações também são preocupações nossas. E por isso mesmo que foi definido como objectivo do nosso governo, lutar contra a pobreza. E ao virem apresentarem essas questões sentimos que mais do que nunca, que facto temos que acelerar a luta contra a pobreza. Por isso nós registamos aquilo que foi aqui dito.

Aqui falou-se de problemas de desmobilizados de guerra, sobre a situação de pensão e reforma. Aqui falou-se de problema de terra para a criação de gado aqui perto da ponte. Estas questões os meus conselheiros, foram falar com as pessoas para compreender melhor exactamente o que se passa, porque uma coisa é uma pessoa dizer aquilo que pensa mas também temos que saber o que é os outros pensam sobre esta mesma questão.

Foi aqui apresentado as dificuldades que aqui temos em particular em Chibubuta: problema de maternidade; o problema de falta de espaço para viver, para machamba e para criação.

Foi apresentada ainda a situação da escola secundária e a questão de emprego. Em relação a questão de emprego, gostaríamos de dizer que os sete milhões que o governo entrega a todo o distrito de Namaacha, têm por objectivo aumentar o emprego e aumentar a produção de comida. Portanto, se aparece alguém que é conhecido, que é sério, se aparece uma associação, que sabemos que é séria, e quer fazer um projecto para aumentar emprego ou então para aumentar a produção da comida, deve apresentar a sua proposta no Conselho Consultivo. Mas tem que convencer que vai trabalhar a sério. Tem que mostrar que vai arranjar mais emprego. Que vai arranjar mais comida e que depois vai pagar o dinheiro, porque o dinheiro não é oferta. É emprestado. É para apoiar o empresariado local. Aqueles que não têm acesso ao banco, mas que querem aumentar o emprego e querem aumentar a comida. E o conselho consultivo acredita que aquela pessoa é séria, ou então acredita que aquela associação é séria. Portanto, o problema de emprego o caminho que encontramos é este. Os responsáveis pelos conselhos consultivo devem ter a certeza que cada dinheiro que tiram vai aumentar emprego e vai aumentar comida e depois vai voltar. Assim, pouco a pouco vai se construindo o muro muchém.

Aqui também falaram do problema de ladrões de gado. Assassinos, particularmente no que se refere a Porto Henriques. Aqui falaram também do problema de terras em Porto Henriques. Que dizem que há pessoas que não estão a trabalhar na terra, mas não estão a deixar outros trabalhar na terra.

Aqui falou-se do sindicato. São maneiras de resolver os problemas. Era muito bom se pensar como é que se pode fazer isso. Mas a essência é que a proposta é que temos que saber quantas pessoas não têm trabalho e depois quando aparece trabalho saber-se onde ir buscar as pessoas para irem fazer trabalho, mas tendo-se o nome das pessoas.

Falou-se também da ponte sobre o Rio aí dos Crocodilos. Nós anotamos aquilo que foi dito aqui. São preocupações que nos ajudam a ver que facto o inimigo que nós queremos abater é aquele que todos nós queremos abater. E que mostra claramente que aquilo que estão a fazer e a vossa atitude de querer combater contra este inimigo é o mais correcto. Vamos juntar as nossas forças sobretudo através dos conselhos consultivos, para os conselhos consultivos poderem estudar como podem aconselhar ao Chefe do posto e a outros níveis.

Moçambique hoye!
(Hoye!)

Moçambique hoye!
(Hoye!)

Changalane hoye!
(Hoye!)

Changalane hoye!
(Hoye!)

Khanimambo!
(Palmas)